



(Re) pensar o ofício do investigador qualitativo, hoje: metáforas, ferramentas e competências em CAQDAS

Rosalina Pisco Costa

Universidade de Évora/CEPESE

rosalina@uevora.pt

Resumo

Tradicionalmente associada à investigação quantitativa, a proficiência em software diversificado constitui na atualidade uma característica indelével do investigador qualitativo. A partir da experiência da autora no quadro da investigação qualitativa que desenvolveu com vista à elaboração da sua tese de doutoramento, este texto aborda o conjunto de metáforas, ferramentas e competências que obrigam a (re)pensar o ofício do investigador qualitativo, hoje. No final, argumentamos que o acrónimo CAQDAS deve entender-se numa aceção plural que não apenas associado a software específico de tratamento e análise de dados (como o Atlas.ti, MaxQda, NVivo ou WebQda), mas que abarque um conjunto diverso de ferramentas destinadas a auxiliar o investigador qualitativo em diversos momentos e fases da investigação. Tal evidência é desenvolvida aqui a partir da metáfora de um investigador que para além de “coreógrafo”, “maestro” e “artesão” é (deve ser) também um investigador “geek”.

Palavras-Chave: Investigação qualitativa; Artesanato intelectual; Tratamento e análise de dados; Geek; CAQDAS.

Abstract

Traditionally associated with quantitative research, the use and mastery of diverse software is nowadays an indelible characteristic of the qualitative researcher. Anchored on the author's experience within the context of the qualitative research developed during the preparation of her doctoral thesis, this paper addresses the set of metaphors, tools and skills forcing to (re)think the craft of the qualitative research at present times. By the end, we argue that the acronym CAQDAS must extend beyond a restricted meaning that associates it with specific software of processing and data analysis (such as Atlas.ti, MaxQda, NVivo or WebQda), to encompass a diverse set of tools aimed to help the qualitative researcher at different times



and stages of research. Such evidence is developed here using the metaphor of a researcher that, besides being a “choreographer,” “maestro” and “bricoleur” is (should be) also a “geek” researcher.

Keywords: Qualitative researcher; Intellectual craftsmanship; Processing and data analysis; Geek; CAQDAS.

Resumen

Tradicionalmente asociado a la investigación cuantitativa, el uso y dominio de software diverso es hoy en día una característica indeleble del investigador cualitativo. Anclado en la experiencia del autor en el contexto de la investigación cualitativa desarrollada durante la preparación de su tesis doctoral, este trabajo aborda el conjunto de metáforas, herramientas y habilidades obligando a (re) pensar el arte de la investigación cualitativa en los tiempos actuales. Al final, se argumenta que las siglas CAQDAS deben extenderse más allá de un significado que lo asocia con un software específico de análisis y procesamiento de datos (como Atlas.ti, MAXQDA, NVivo o WebQda), sino que abarca una amplia selección de herramientas destinadas a ayudar al investigador cualitativo en diferentes momentos y etapas de la investigación. Tal evidencia se desarrolla aquí desde la metáfora de un investigador que, además de ser un “coreógrafo”, “maestro” y “bricoleur” es (debe ser) también un investigador “geek”.

Palabras clave: Investigación cualitativa; Artesanía intelectual; Procesamiento y análisis de datos; Geek; CAQDAS.

(Per)cursos do investigador qualitativo na primeira pessoa

Este texto aborda o conjunto de metáforas, ferramentas e competências que obrigam a (re)pensar o ofício do investigador qualitativo, hoje. Por detrás desta tarefa está a investigação que desenvolvi recentemente com vista à obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Costa, 2011)[1]. Tal investigação visava a inventariação, descrição, análise e compreensão em perspetiva sociológica dos rituais familiares na contemporaneidade. No acesso ao mundo privado das famílias que tal estudo necessariamente pressupõe e implica, o método seguido não podia ser outro que o qualitativo, assente numa “lógica da descoberta” (Pais, 2002). De forma transversal no percurso de investigação, da clarificação da problemática que serve



de base à construção do modelo de análise, recolha e análise dos dados, essa “lógica da descoberta” viria a revelar-se como o caminho mais adequado para “espreitar” pelos sucessivos “buracos da fechadura” (Berger, 1978 [1963], p. 28) que existem nas várias “portas” que inevitavelmente tivemos de “abrir”. Consideramos, ainda hoje, que apenas desta forma, seguindo o conjunto de pistas fornecidas pelos protagonistas da ação – e do discurso –, pudemos ultrapassar os obstáculos epistemológicos decorrentes da natureza privada do objeto de estudo, responder à questão de partida enunciada e, em perspetiva weberiana, compreender a realidade social (Weber, 1947).

No caso particular da investigação descrita, o trabalho foi tanto mais estimulante e desafiador quanto a investigadora, por um lado, acumulou todas as tarefas desde o desenho da entrevista, à aplicação, transcrição, tratamento e análise de dados; por outro, tinha como experiência anterior, em termos de investigação de monta, a relacionada com estratégias de investigação quantitativa e extensiva (Costa, 2003). Do silêncio quieto dos centros de documentação ao diálogo vivo das situações de entrevista; da aridez das estatísticas demográficas e censos de população à fecundidade de registos áudio, transcrições e notas de observação; da linearidade monocromática da análise quantitativa à plasticidade policromática dos “qualitativos”, revimo-nos sucessivamente nas diversas metáforas utilizadas para dar conta do investigador qualitativo: “coreógrafo” (Janesick, 2000, p. 379), primeiro; “maestro” (Mason, 2002, p. 73), depois; “artesão” (Denzin & Lincoln, 2000, p. 4), por fim.

A experiência de imersão nos estudos qualitativos que este trabalho representou para a autora viria a encontrar expressão numa outra metáfora, até então por si desconhecida. O investigador “geek” é, justamente, a metáfora que procuraremos desenvolver neste texto. Com ela argumentamos que é necessário repensar o ofício do investigador qualitativo hoje, sobretudo no que respeita às diversas ferramentas que utiliza na sua praxis e, muito especialmente, as que têm que ver com a utilização sistemática de CAQDAS – Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software ou Computer Assisted Qualitative Data Analysis (Lewins, 2001, p. 302).

1.1. O investigador qualitativo: “coreógrafo”, “maestro” e “artesão”

Metaforicamente, a investigação qualitativa pode ser perspetivada como uma coreografia (Janesick, 2000, p. 379). À semelhança do trabalho do coreógrafo, o investigador qualitativo combina procedimentos rigorosos com um fim em aberto que o modelo hipotético-dedutivo clássico não permitiria alcançar. O



“bom coreógrafo” é aquele que consegue captar a complexidade da dança e torná-la “óbvia” aos olhos de quem o observa; o investigador como coreógrafo é, na perspectiva desta autora, aquele que consegue tomar uma parte do “real”, contextualizar e re-contextualizar continuamente a investigação a partir do seu background teórico e dos dados trazidos a lume pelos participantes no estudo, conferindo-lhes sentido e permitindo uma compreensão “a partir de dentro”. A metáfora expande-se para ver no investigador qualitativo alguém que à semelhança do coreógrafo recusa limites e recorre a inúmeras técnicas. Da mesma forma que o coreógrafo utiliza tanto o minuet como a improvisação, assim também o investigador qualitativo combina na sua investigação abordagens mais formais e rígidas com abordagens mais abertas e flexíveis: a investigação começa com movimentos fixos, o guião das entrevistas é delineado, as entrevistas são agendadas e têm lugar. Ao mesmo tempo, e no decorrer da entrevista, o investigador suscita nova informação, improvisa e questiona para além do guião. Na verdade, uma estratégia intensiva estimula a criação de um clima propício para que o indivíduo possa descobrir e revelar atitudes correspondentes aos seus pensamentos mais profundos e em que ele próprio é o intérprete da sua experiência (Holstein & Gubrium, 1994). Mais tarde, aquando do processo de escrita, retoma leituras, entrevistas e notas de campo e reescreve criativamente narrativas em torno dos dados que recolheu e dos entrevistados que ouviu. O investigador é ele próprio, e não a técnica que utiliza, “o instrumento principal de pesquisa qualitativa” (Janesick, 2000, p. 380).

Mais tarde, no decorrer da investigação, vem ao de cima a metáfora do entrevistador como “maestro” (Mason, 2002, p. 73). A sua função é, agora, a de “orquestrar” uma interação que alterna entre a escuta intensa e a atenção dada ao guião de entrevista; às questões que elaborou e ao tópico de investigação que o norteia. Como um maestro, o entrevistador-investigador é chamado a empreender movimentos rápidos e incisivos, isto é, a tomar decisões sobre o que perguntar e como perguntar. Estas decisões são demasiadamente importantes e estratégicas para a qualidade dos dados a obter e têm de fazer sentido não apenas para o entrevistador como também para o entrevistado. Para isso é necessário que o entrevistador vá introduzindo no seu discurso pequenas pistas do que já sabe sobre o entrevistado, seja de antemão, seja decorrente do contexto da entrevista. Ao mesmo tempo, terá de ser sensível às suas necessidades e direitos, respeitando sempre as posições éticas contratualizadas no início da entrevista. Desta forma a entrevista poderá decorrer de forma fluida, permitindo não apenas uma sensação de “conversa tranquila”, como também um enfoque claro nas questões e tópicos relevantes para os propósitos da investigação (Mason, 2002).



Por fim, como autores que somos, escrevemos narrativas onde utilizamos ora a nossa voz, ora a voz dos outros, neste caso dos entrevistados. Que vozes escolhemos e porque o fazemos? O processo de escrita, em particular a de análise de dados em contexto de escrita científica é um processo de seleção (Patton, 2002 [1990]) que dilui a fronteira entre narrativa e análise e reconstrói a relação entre ambas através de narrativas interpretativas com o auxílio de um narrador onisciente. Mas este processo não constitui um modo inócuo de “contar uma história”. Corroboramos da opinião de Laurel Richardson (2000), para quem a escrita científica não é apenas uma atividade sumativa no final de um projeto de pesquisa. Escrever é também e sobretudo uma forma de “conhecer”, um método de revelação e análise que nos permite, a cada momento, dar robustez às categorias encontradas e descobrir novos aspetos sobre o tópico em discussão. Primeiro coreógrafo, depois maestro, o investigador qualitativo é, agora, um “bricoleur” (Denzin & Lincoln, 2000, p. 4) que dá a conhecer o fruto do seu labor aos outros. Um trabalho moroso, minucioso, exigente e apaixonado como é o de qualquer artesão, inclusive o intelectual (Mills, 1975).

1.2. O investigador qualitativo: “geek” no mundo dos CAQDAS

Apesar de uma aceção polissémica, a expressão “geek” é comumente utilizada para classificar alguém a partir das suas competências técnicas e sociais. De entre as múltiplas utilizações, refere-se especificamente a pessoas “peculiares” ou “excêntricas”, interessadas, proficientes, por vezes até “obcecadas” por tecnologia. Contrariamente a uma visão inicial porventura demasiado redutora da utilização de software em investigação qualitativa, a prática convoca efetivamente o investigador à utilização plural, por vezes simultânea, de diversas ferramentas, que o acompanham do início ao fim da investigação. Como ilustração, em seguida apresentamos os vários softwares mobilizados para a investigação qualitativa que desenvolvemos na elaboração do estudo que nos serve aqui de enquadramento.

Uma vez realizadas as entrevistas, a respetiva transcrição foi uma tarefa, também ela, integralmente conduzida pela investigadora. Para a transcrição utilizámos dois processos principais: a transcrição com recurso a um software de reconhecimento de voz e a transcrição clássica de reprodução/processamento de texto. No primeiro caso utilizámos o software Free Speech 2000 da Phillips (software desenvolvido pela Phillips Speech Processing [url: <http://www.dictation.philips.com>]), que comporta dicionários para a língua portuguesa (Português de Portugal) e que nos permitiu, depois de um processo de reconhecimento de voz, converter diretamente (ditar



através de microfone, com recurso aos comandos de ditado respetivos) as entrevistas de suporte áudio para suporte escrito. No segundo caso transcrevemos diretamente as entrevistas para o suporte escrito, tentando tirar partido ao máximo das possibilidades de escrita no processador de texto Microsoft Word e assim reduzir o tempo dedicado a esta tarefa. Referimo-nos, em concreto, às vantagens do recurso às opções de correção automática (tanto as pré-definidas como as especificamente por nós criadas), bem como todas as possibilidades de revisão de ortografia e gramática. Para obviar a morosidade do processo, utilizámos em ambos os procedimentos o Express Scribe Transcription Playback Software, um software específico para auxiliar a transcrição de entrevistas armazenadas em suporte áudio digital. Comparativamente a outros (e.g. F4 e Transcriber), este software livre, desenvolvido pela NCH [url: <http://www.nch.com.au/scribe/index.html>] oferece inúmeras vantagens de onde se destaca a possibilidade de controlo da velocidade de reprodução; a adaptação/personalização do teclado com teclas de atalho ('hot keys') para as principais funções de reprodução áudio, e.g. Play, Stop, Rewind e Forward, o que torna desnecessária a utilização de um pedal de transcrição; e a utilização em simultâneo com outro software de processamento de texto, e.g. Microsoft Word.

A complementar a transcrição das entrevistas optámos pela elaboração do genograma familiar, uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família. Amplamente utilizado na Antropologia do Parentesco e na prática de cuidados primários de saúde, a utilização dos genogramas foi padronizada nos anos 80 do século XX a partir sobretudo dos desenvolvimentos vindos da terapia e do aconselhamento familiar (Bowen, 1980; McGoldrick & Gerson, 1985; McGoldrick, Gerson, & Shellenberger, 1999) que assim consensualizaram uma forma rápida e simples de reunir um conjunto diversificado de informações que vai desde os aspetos genéticos, médicos, sociais, comportamentais, relacionais e culturais, e que simultaneamente dão conta, quer da estrutura da família, quer do seu funcionamento e dinâmica. Apesar de ser uma representação estática da família e de utilizar regras e simbologia próprias, a leitura dos genogramas é muito rápida e a sua compreensão bastante intuitiva, o que fez desta uma ferramenta muito útil aquando da organização dos dados e análise das entrevistas. No contexto da investigação qualitativa que nos interessa aqui detalhar, a utilização do genograma tem sido recursiva ora como instrumento de recolha, ora de análise de dados (Wendt & Crepaldi, 2008). Ao permitir passar rapidamente do registo individual para a observação do sistema familiar e das relações de parentesco, a elaboração e recurso aos genogramas familiares possibilita, a cada momento, rever informação



sobre o entrevistado (ego), em particular os seus dados demográficos, bem como de outros membros da sua família e, em perspetiva geracional, perceber trajetórias de conjugalidade (relações conjugais, datas relevantes e natureza dos vínculos) e composição do agregado familiar (elementos, relação de parentesco e respetiva composição demográfica). Para a elaboração gráfica dos genogramas familiares utilizámos o Family Tree Software – GenoPro 2007, v. 2.00, um software desenvolvido pela GenoPro SDK [url: <http://www.genopro.com>].

Para a organização e sistematização de dados utilizámos ainda o programa SPSS Statistics (orig. Statistical Package for the Social Sciences. V. 17.0. Software desenvolvido pela SPSS, an IBM Company [url: <http://www.spss.com>]). A utilização deste software revelou-se particularmente útil para a organização global dos dados. Inicialmente construímos uma matriz de dados onde incluímos todos os dados de caracterização dos entrevistados e, numa segunda fase, indicadores de caracterização secundários que suscitados pela própria análise permitiram gradualmente uma maior sistematização e, conseqüentemente, maior aprofundamento da análise.

Finalmente, para a análise interpretativa dos dados procedemos a uma análise qualitativa de conteúdo, tendo como pano de fundo a tradição sociológica de análise qualitativa (Glaser & Strauss, 1967). As narrativas analisadas foram perspetivadas não como um fim em si mesmo mas como uma “janela para a experiência humana” (Ryan & Bernard, 2000, p. 769) em busca de significado e compreensão. Do ponto de vista instrumental, a análise de conteúdo foi efetuada com recurso a software para análise qualitativa de dados. Isto fez com que, gradualmente, entrássemos no mundo do CAQDAS e eleito o NVivo8 como auxiliar principal (v. 8.0. Software desenvolvido pela Qualitative Solutions Research (QSR) International [url: <http://www.qsrinternational.com>]) a partir do anterior Programa NUD*IST (Non-numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing). O NVivo é globalmente identificado como um dos softwares mais poderosos para a análise qualitativa de dados (Weitzman, 2000; Lewins & Silver, 2004; Gillham, 2005). No caso concreto, a escolha pelo NVivo passou por uma conjugação de fatores entre os quais a natureza dos dados em presença; o tempo disponível para empreender a análise dos dados; a disponibilidade e acesso ao software; o pré-conhecimento na ótica do utilizador, por parte da investigadora, sobre o software; bem como a (in)existência de trabalho colaborativo de que pudesse beneficiar.

O recurso ao software qualitativo foi efetuado sem “falsas esperanças ou medos” (Weitzman, 2000, p. 806). Por um lado, sabíamos de antemão que nenhum software



faz a interpretação dos dados pelo investigador (Janesick, 2000); por outro lado, concretizámos as exatas “esperanças” que nele depositámos: a facilidade no armazenamento e manuseamento dos dados, a velocidade e o poder em termos de pesquisa, descrição e apresentação dos dados. Mas encontrámos também alguns dos “medos” temidos: a possibilidade quase indeterminada de explorar os dados e o perigo (real) de nos deixarmos submergir por eles. Um enfoque determinado e persistente na procura de respostas para as questões de partida foi, afinal, o caminho seguido para “ver a árvore além da floresta”.

Reflexões finais sobre o ofício do investigador qualitativo, hoje. E amanhã?

Tradicionalmente associada à investigação quantitativa, a proficiência em software diversificado constitui na atualidade uma característica indelével do investigador qualitativo. Como ilustração, apresentámos os vários softwares mobilizados para a investigação qualitativa que desenvolvemos na elaboração do estudo que nos serve de enquadramento. Nesse contexto, detalhámos o recurso consecutivo ou simultâneo à utilização do software Free Speech 2000 da Phillips, Express Scribe Transcription Playback Software da NCH, Family Tree Software – GenoPro 2007, desenvolvido pela GenoPro SDK, SPSS Statistics da IBM e NVivo8 desenvolvido pela QSR International. De referir que em alguns casos, a investigadora não dispunha, até à data, de qualquer formação específica para o seu manuseamento. Foram os desafios suscitados no decorrer da investigação que obrigaram à procura de respostas. E foram essas respostas que se materializaram no recurso ao software.

No presente, como também no futuro, a expressão CAQDAS deve, pois, entender-se para além do software especificamente desenvolvido para o tratamento e análise qualitativa de dados (e.g. Atlas.ti, MaxQda, NVivo ou WebQda), e abarcar um conjunto diverso de ferramentas informáticas destinadas a auxiliar o investigador qualitativo em diversos momentos e fases da investigação. Para além das metáforas “tradicionais” em torno do ofício do investigador qualitativo que veem nele um “coreógrafo”, “maestro” ou “artesão”, investigador “geek” foi a metáfora que utilizámos aqui para dar conta de uma (nova) característica que o impele – agora – a saber identificar, utilizar e maximizar software com vista à resolução dos desafios que se lhe colocam ao longo da investigação. Porque tais desafios serão sempre diferentes à medida que novas investigações surgirem, assim também ao investigador não resta senão procurar novas respostas e, com isso, identificar, utilizar ou até mesmo ajudar no desenvolvimento de software que criativamente ajude à resolução de problemas de investigação.



Notas

[1] Este texto adapta excertos e amplia algumas das reflexões contidas na introdução e capítulo IV "Considerações Metodológicas. Das interrogações de partida ao 'artesanato intelectual'" da tese de doutoramento Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea (Costa, 2011), realizada pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação científica de Ana Nunes de Almeida (ICS-UL) e apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/38679/2007).

Referências

- Berger, P. (1978 [1963]). *Perspectivas Sociológicas – uma visão humanistic*. 4ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- Bowen, M. (1980). Key to the Use of the Genogram. In E.A. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The Family Life Cycle: A Framework for Family Therapy* (pp.). New York: Gardner Press.
- Costa, R. P. (2003). *Filhos do Adeus. (Des)sincronização Familiar e Fecundidade depois dos 40 anos no Portugal Contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, área de especialização 'Família e População'. Évora: Universidade de Évora <<http://hdl.handle.net/10174/3286>>.
- Costa, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias: os Rituais na Construção da Família Contemporânea*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais – especialização 'Sociologia Geral'. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa <<http://hdl.handle.net/10451/4770>>.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). Introduction – The Discipline and Practice of Qualitative Research. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.], *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1–28). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gillham, B. (2005). *Research Interviewing – the range of techniques*. Berkshire: Open University Press.
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Holstein, J. A., & Gubrium, J. F. (1994). Phenomenology, Ethnomethodology, and Interpretative Practice. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln [Eds.], *Handbook of Qualitative Research* (pp. 262–272). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Janesick, V. J. (2000). The Choreography of Qualitative Research Design – Minuets, Improvisations, and Crystallization. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.], *Handbook of Qualitative Research* (pp. 379-399). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Lewins, A. (2001). Computer Assisted Qualitative Data Analysis. In N. Gilbert [Ed.],



- Researching Social Life (pp. 302-323). London: Sage Publications.
- Lewins, A., & Silver, C. (2004). Choosing a CAQDAS Package. In CAQDAS Networking Project - Working Paper. Disponível em URL: <http://caqdas.soc.surrey.ac.uk/> [consulta a 03-11-2010].
- Mason, J. (2002). Qualitative Researching. 2nd ed. London: Sage Publications.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1985). Genograms in Family Assessment. New York: Norton.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Shellenberger, S. (1999). Genograms: Assessment and Intervention. New York: Norton, 1999.
- Mills, C. W. (1975 [1959]). A Imaginação Sociológica. 4ª. ed.. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Pais, J. M. (2002). Sociologia da Vida Quotidiana – teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Patton, M. Q. (2002 [1990]). Qualitative Research & Evaluation Methods. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Richardson, L. (2000). Writing – A Method of Inquiry. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.], Handbook of Qualitative Research (pp. 923—948). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Ryan, G. W., & Bernard, H. R. (2000). Data Management and Analysis Methods. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.], Handbook of Qualitative Research (pp. 769—802). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Weber, M. (1947). The Theory of Social and Economic Organization. NY: The Free Press
- Weitzman, E. A. (2000). Software and Qualitative Research. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.], Handbook of Qualitative Research (pp. 803—820). Thousand Oaks: Sage Publications: 803-820.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(2), 302—310.